



Universidade de Brasília

Faculdade UnB Planaltina

**Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural
(PPG-MADER)**

Curso de Especialização em Educação do Campo

**RESSIGNIFICANDO A RELAÇÃO DE IDENTIDADE TERRITORIAL
DA COMUNIDADE ESCOLAR DO CENTRO DE ENSINO
FUNDAMENTAL TAMANDUÁ DO GAMA, DF**

Nathanry Lourenço Araújo

Wellington Luiz da Silva Souza

BRASÍLIA-DF

2023

Nathanry Lourenço Araújo
Wellington Luiz da Silva Souza

**RESSIGNIFICANDO A RELAÇÃO DE IDENTIDADE TERRITORIAL
DA COMUNIDADE ESCOLAR DO CENTRO DE ENSINO
FUNDAMENTAL TAMANDUÁ DO GAMA, DF**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação do Campo.

Orientador(a): Prof^o. Dr. Roni Ivan Rocha de Oliveira

BRASÍLIA-DF
2023

RESUMO

O presente trabalho busca compreender a dinâmica identitária do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá do Gama - DF, compreendendo quais os desafios enfrentados e qual o papel da escola diante deles. A escola iniciou seu trabalho em 1959, contando apenas com uma professora e uma diretora e por ser uma das primeiras instituições sociais públicas constituída na região, representa o local onde a comunidade busca referências ou atribuições dos papéis de outras instituições públicas e por isso é de grande responsabilidade o trabalho diante dessa realidade. Mais do que estar a par do que está acontecendo, procura-se entender o que há à sua volta e como esses acontecimentos interferem na estrutura da escola. Essas percepções de mudança foram norteadas não só pela localização territorial, mas também por estar de acordo com sua história de formação e do modo de relação que esses sujeitos mantêm com o trabalho e a produção agrícola. O processo de pesquisa teve como base a pesquisa qualitativa que abrange a construção da cartografia social, pesquisa documental, entrevistas com a participação de segmentos representativos de pais e responsáveis, estudantes, profissionais da educação e professores. Foram realizadas visitas aos territórios, rodas de conversas e coordenações coletivas, a fim de identificar avanços e desafios que a escola enfrenta dialogando com os princípios da “Educação do Campo”. Buscando assim, conhecer além da realidade física e social da escola e também as relações de produção e trabalho desse território, além de identificar o meio de transporte utilizado pelos estudantes e os caminhos que perpassam em suas linhas de trajetos para chegar na escola. Queremos entender as divisões territoriais que hoje se apresentam como ele se caracteriza, o que têm em comum e se estão de acordo com a realidade. Por meio desse estudo buscamos solidificar a identidade do território e entender quais as suas necessidades e como são as relações dentro da comunidade escolar do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá - Gama-DF. Após a conclusão da análise e discussão dos resultados foi possível identificar 3 núcleos de identidade territorial que integram a comunidade escolar, o que se diferencia dos 7 núcleos descritos nos documentos da escola, cujo agrupamento se dava tendo como principal indicativo os pontos de referência identificado pelos estudantes e não dos aspectos socioambientais locais.

Palavras – chave: Escola do Campo. Identidade Territorial. Território. Inventário.

ABSTRACT

The present work seeks to understand the identity dynamics of the Centro de Ensino Fundamental Tamanduá do Gama - DF, understanding the challenges faced and the role of the school in face of them. The school began its work in 1959, with only one teacher and one director and, as it is one of the first public social institutions in the region, it represents the place where the community seeks references or attributions of the roles of other public institutions and, therefore, is of It is a great responsibility to work in the face of this reality. More than being aware of what is happening, the aim is to understand what is around them and how these events interfere in the structure of the school. These perceptions of change were guided not only by the territorial location, but also by being in accordance with their training history and the relationship that these subjects maintain with work and production on the land. The research process was based on qualitative research that included the construction of social cartography, documentary research, interviews with the participation of representative segments of parents and guardians, students, education professionals and teachers. Visits to territories, conversation circles and collective coordination were carried out in order to identify advances and challenges that the school faces in dialogue with the principles of "Education in the Countryside". Thus, seeking to know beyond the physical and social reality of the school, to also understand the relations of production and work in this territory, to identify the means of transport used by students and the paths that permeate their lines of paths to arrive at school. We want to understand the territorial divisions that present themselves today, how it is characterized, what they have in common. And does this configuration of territories agree with the reality we live in? Through this study, we seek to solidify the territory's identity and understand its needs and relationships within the school community of the Centro de Ensino Fundamental Tamanduá - Gama-DF. After concluding the analysis and discussion of the results, it was possible to identify 3 territorial identity cores that make up the school community, which differs from the 7 cores described in the school documents, whose grouping took place with reference to the school bus lines and not of local socio-environmental aspects.

Keywords: School of the Field. Territorial Identity. Territory. Inventory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.** Pátio de entrada do CEFTAM. **pg. 14**
- Figura 2.** Produção da horta escolar no CEFTAM. **pg. 15**
- Figura 3.** Parque e quadra coberta do CEFTAM. **pg. 16**
- Figura 4.** Ônibus escolar, Linha L.5.4.M, estrada em dia de chuva, território Ponte Alta, sentido Frigorífico Pontal. **pg. 18**
- Figura 5.** Gráfico: Porcentagem de produtores dentro da comunidade escolar. **pg. 21**
- Figura 6.** Gráfico: Porcentagem dos trabalhadores que residem no território escolar que vivem do trabalho no campo ou na cidade. **pg. 22**
- Figura 7.** Imagem Satélite da RA Gama. **pg. 25**
- Figura 8.** Imagem Satélite da RA Recanto das Emas. **pg. 25**
- Figura 9.** Imagem Satélite dos territórios: Ponte Alta, Nova Jerusalém e Asa Branca. **pg. 26**
- Figura 10.** Gráfico: Porcentagem de estudantes por território. **pg. 27**
- Figura 11.** Gráfico: Porcentagem das formas de residência dos moradores no território do CEFTAM. **pg. 28**
- Figura 12.** Asa Branca. **pg. 29**
- Figura 13.** Nova Jerusalém. **pg. 30**
- Figura 14.** Ponte Alta. **pg. 32**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVO GERAL	11
2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
4. REALIDADE FÍSICA E SOCIAL DA ESCOLA.....	14
5. TRANSPORTE UTILIZADO PELO ESTUDANTE	17
6. RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E TRABALHO.....	20
7. TERRITÓRIO.....	23
7.1. ASA BRANCA.....	29
7.2. NOVA JERUSALÉM.....	30
7.3. PONTE ALTA.....	32
8 . ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	35
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41
11. ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	43

1. INTRODUÇÃO

Sou Nathanry Lourenço Araújo, professora desde 1997, atualmente com 44 anos, sou mãe solo de 4 filhos. Estou trabalhando como pedagoga do SEAA (Serviço Especializado de Apoio a Aprendizagem) no CEFTAM desde 2020.

Desde muito nova me encantei com o trabalho proveniente da terra, plantações, colheitas, animais da pecuária. Visitei quando tinha 14 anos a escola Agrícola de Planaltina em um passeio da escola. Após esse passeio, decidi que queria estudar lá, fazer agronomia. Porém como morava em Valparaíso de Goiás e sendo menina, meus pais não permitiram que eu ingressasse nessa jornada. Fui obrigada a seguir por outros caminhos e sem opção, fui matriculada na Escola Normal de Brasília (onde hoje se encontra a EAPE- Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais em Educação), antigo magistério concomitantemente com o ensino médio. Conclui o curso do magistério no ano de 1997. Em 1998, com 19 anos tomei posse na extinta Fundação Educacional de Brasília, hoje Secretaria de Estado de Educação do DF, após ser aprovada no concurso público para professores de séries primárias. Em setembro de 2010, conclui especialização em Psicopedagogia na FACETEN Faculdade de Ciências e Educação e Teologia do Norte, no qual minha pesquisa foi direcionada para a avaliação e educação especial, especificamente voltada para área dos Transtornos Funcional do Desenvolvimento (TFD).

Em 2020 ingressei na escola do campo: CEFTAM Gama-DF, a partir de então iniciei as pesquisas voltadas à educação do campo e nesse meio tempo tenho feito estudos voltados para essa area. Por conseguinte, colocar em prática o que tenho aprendido tem me ajudado a oferecer à comunidade escolar um trabalho condizente com o que acredito ser uma educação de qualidade. Acredito que discursos vazios, práticas afastadas da realidade que se prega, são uma forma de atuação deplorável e não fazem parte do que almejo para minha atuação como profissional na área da educação, pois é tamanha a responsabilidade que carregamos como educadores em uma sociedade encharcada de preconceito, discriminação e intolerância, incentivada através de disseminação de mentiras espalhadas nessa imensidão de informações em que estamos imersos nos dias atuais. Portanto, em busca de encontrar o conhecimento necessário para enfrentar esses problemas ingressei no curso oferecido pela "Escola da Terra" voltada para a "educação do campo". O curso me ajudou, e tem me ajudado a compreender melhor a educação do campo e meu papel

como mediadora do conhecimento nesse contexto. Hoje, vejo na escola do campo a realização de um sonho. Escolhi a escola do campo no remanejamento escolar e amo estar finalmente no caminho que escolhi trilhar.

Sou Wellington Luiz da Silva Souza. Bem, antes de iniciar meu histórico profissional com a escola do campo, devo relatar um pouco da minha relação com o campo, local esse, vivenciado desde pequeno no Jardim Ingá, cidade localizada no município de Luziânia, GO. Lá tive uma infância ao meio de árvores, água de cisterna, quintal grande, frutas variadas, verduras entre outros alimentos produzidos na chácara, sempre ia com minha mãe e alguns vizinhos para colher pequi, araticum, cagaita, buriti, mangaba, bacupari entre outros frutos do cerrado e participava de várias pescarias nos córregos próximos a nossa casa. Depois dessa época fomos para a Cidade Ocidental, GO. onde ainda desfrutava dos córregos, cachoeiras e dos frutos do cerrado. Já em 1993, fui morar em São Paulo, SP e perdi todo o contato com o meio rural. Em 1997, voltei para Brasília, casei e em 1999, comprei uma chácara de 10.000 metros quadrados na cidade de Águas Lindas, GO. Iniciei uma plantação de frutas variadas e uma criação com 400 galinhas caipiras e poedeiras. No início, vendia a produção da chácara na cidade do Guará, local onde residia e trabalhava como professor de Educação Física durante a semana. Em 2007, vendi a chácara em Águas Lindas e comprei outra com 50.000 metros quadrados na Ponte Alta, área rural da região administrativa do Gama. Mudei para lá com toda minha família e iniciei plantios de pupunha, pimenta, jiló, quiabo, milho, mandioca e maracujá para serem comercializados nas feiras da cidade satélite do Gama. Trabalhava nesse projeto, eu, minha esposa e meus filhos, um com 17 anos e o outro com 7 anos. Tínhamos uma criação de 3 vacas leiteiras para a produção de queijo, doce, nata e manteiga. Criava porcos e galinhas caipiras para consumo da família e vendia o excedente. Sempre seguindo as orientações da EMATER nas produções de rações, abates, armazenamentos e transportes das produções da chácara.

Em 2014, tomei posse para o cargo de professor efetivo na Secretaria de Educação do Distrito Federal, iniciei na Escola do campo em 2018, no Centro de Ensino Fundamental Ponte Alta do Baixo. Em 2020, por meio do remanejamento, bloqueei a vaga no Centro de Ensino Fundamental Tamanduá. Já em 2018, participei

do curso de formação continuada – Escola da Terra (UNB/ SEDF/MEC), juntamente com 9 colegas de trabalho do Centro de Ensino fundamental Ponte Alta do Baixo.

Hoje estou como coordenador no Centro de Ensino Fundamental Tamanduá e conhecendo mais a realidade da toda comunidade e tomei conhecimento da produção do Inventário Histórico e Social do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá e ao analisar o mesmo, percebi que os território estavam divididos em 7 e prontamente sugeri a alteração para 3 territórios, tendo em vista que tinham sido divididos em cima de pontos de referências da comunidade e não diferenças de produção, moradias, comunidades, lutas e territórios.

A história da Educação do Campo no Brasil, sempre esteve envolvida com a questão agrária, fundiária, conflitos e lutas por distribuições de terras e suas regularizações. A Educação do Campo: uma modalidade da educação para as áreas ditas rurais, foi criada para atender a educação básica, nos anos iniciais, finais e ensino médio nas mais variadas localidades, florestas, minas, espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos, e extrativismo. Segundo o Conselho Nacional de Educação (CNE, 2008) essas escolas buscam atender aos alunos inseridos nesses contextos.

Notadamente quando pretende-se estudar e entender a Educação do Campo, é importante comparar diferentes estudos e publicações, desde dissertações, legislações, estruturas fundiárias, relatos sobre conflitos até a história das lutas e reivindicações dessas comunidades, a fim de obter informações sobre os saberes, trabalhos, territórios, identidades e coletividades entre os sujeitos.

Desta forma pode-se resgatar elementos da identidade e dos movimentos sociais existentes no território. Segundo o “Inventário da Realidade: Guia Metodológico para uso nas escolas do campo”:

[...] é preciso pensar a escola como parte de processos formativos que constituem a vida social e as relações entre ser humano e natureza, intencionalizados em uma direção emancipatória. Por isso a escola não pode desenvolver sua tarefa educativa apartada da vida, suas questões e contradições, seu movimento. (2016. pg. 1)

O estudo do território do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá (CEFTAM), situado na (RA II) Região administrativa do Gama, Distrito Federal, ajudou a compreender o significado da escola do campo. Esse significado vai muito além de

uma simples definição encontrada no livros, como por exemplo: "A educação do campo é a oferta de educação voltada aos moradores das zonas rurais do país. Esta oferta de ensino acontece em escolas que estão localizadas na zona rural e que atendem crianças e adolescentes destas áreas." (ZIECH - 2017. pg. 18). É preciso entender que o significado de educação do campo tem especificidades que abarcam a diversidade das diferentes regiões onde se situam. No caso específico da região do Distrito Federal, existe uma importante peculiaridade a salientar, o fato das escolas do campo estarem situadas relativamente próximas às regiões urbanas, isso permite que os moradores trabalhem tanto na cidade quanto no campo.

Importante salientar que conforme o tempo passa as mudanças vão se apresentando, a diversidade de sujeitos e dos lugares que se integram nas unidades escolares, se fazem presentes e junto com elas vão se formando também novas características que constituem a Educação do Campo. Nesse contexto é compreensível que uma escolarização tanto voltada para o campo quanto voltada para o meio urbano se faz necessário.

Acreditamos que conhecer a identidade da escola mostrará quem é essa comunidade, o que ela representa, quais suas lutas e reivindicações, o que ela busca em relação ao ensino escolar. Logo, compreender a identidade escolar do campo envolve o reconhecimento das identidades dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, por meio de um olhar atento e curioso, além da escuta sensível. Nesse sentido, *et. al* Kolling, específica que:

Os sujeitos da educação do campo são aquelas pessoas que sentem na própria pele os efeitos desta realidade perversa, mas que não se conformam com ela. São os sujeitos da resistência no e do campo: sujeitos que lutam para continuar sendo agricultores apesar de um modelo de agricultura cada vez mais excludente; sujeitos da luta pela terra e pela Reforma Agrária; sujeitos da luta por melhores condições de trabalho no campo. (2002. pg. 20)

É necessário que a identidade da escola do campo seja vista e percebida pelos integrantes da própria comunidade escolar, não somente no papel, mas de forma ampla e significativa. Um dos fatores inerentes a essa identidade tem relação com o nome da instituição. O Centro de Ensino Fundamental Tamanduá recebeu esse nome devido ao reconhecimento da história do local onde a escola está situada, pois neste local havia uma grande fazenda chamada Tamanduá, nome esse que faz referência

ao animal típico deste bioma (cerrado), o ‘tamanduá bandeira’. Nesse sentido é perceptível que o nome identitário da escola não foge as suas raízes, ele perpassa por um caminho de referências historicamente construídas. Essa construção necessita que seja sempre lembrada para que encontremos o embasamento necessário a construção de uma identidade fortemente conhecida e defendida por todos.

Uma curiosidade sobre o CEFTAM, sabe-se que há alguns anos atrás, por meio de relato dos moradores mais antigos, que a escola era conhecida como “*A escola da árvore*”. Isso acontecia devido ao fato de que em frente a escola havia plantada no meio do balão, (rotatória que existe ainda hoje) um pé gigantesco de Flamboyant que chamava a atenção de todos. Hoje essa árvore não existe mais, pois segundo os mesmos, após acidentes de trânsito a árvore foi morrendo e precisou ser retirada.

Hoje é comum observar as pessoas se referindo ao CEFTAM como sendo “A escola próxima a Embrapa Hortaliças” que é o ponto de referência próximo mais conhecido. Contudo esse reconhecimento não é a identidade da escola que almejamos. O CEFTAM (nome pelo qual é normalmente identificada), não é somente uma escola do campo, mas também a mais antiga da região do Gama, além de ser também uma das primeiras escolas do Distrito Federal e precisa ser reconhecida como tal.

Com o intuito de colaborar para “Identidade da escola” de forma efetiva e de maneira amplamente reconhecida, é necessário que a história não seja difundida como mais uma informação disseminada de forma aleatória e sim conhecida e analisada, por meio de um olhar crítico e curioso frente às questões como: Quem são os sujeitos que fazem parte da comunidade? Quais são as lutas e reivindicações, dentro desses territórios? Como fazer para que a comunidade não apenas conheça a história, mas também se reconheça nela como protagonista?

Após pensar sobre essas perguntas, elas nos parecem devaneios de um sonhador, sim pois talvez as respostas de todas elas não sejam encontradas, mas essa é a utopia que nos move, acreditamos que refletir sobre esses temas fará com que sejamos afligidos por uma indignação autêntica e motivadora a qual torna-se necessária quando o que se pretende é o desenvolvimento de escola do campo com identidade fortemente defendida e respeitada por todos.

Trazer novas contribuições ao inventário escolar e contribuir de forma enriquecedora também faz parte da construção do trabalho. É sabido que como integrantes da comunidade, fazemos parte do processo, não apenas como autores mas como participantes, sendo assim, ao proporcionar um amplo diálogo entre escola e famílias, pretende-se a partir desse diálogo obter entendimento sobre a atual realidade da comunidade escolar e quais são seus desafios. Nesse sentido concordamos com Denise Ribeiro¹ em sua poesia do campo:

*A Educação do Campo nos transforma
Nos faz ter um outro olhar,
O que antes era feio
Hoje passo a admirar,
E o que era preconceito
Hoje aprendo a respeitar.* (RIBEIRO, 2022, online).

2. OBJETIVO GERAL

Neste trabalho, buscamos levantar e caracterizar as referências territoriais da comunidade estudantil, para definir os respectivos sujeitos e caracterizá-los como parte da identidade territorial do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá (CEFTAM) do Gama - DF.

2.1. Objetivos Específicos

- Analisar as divisões dos territórios a partir do Inventário e PPP do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá, buscando demarcações atuais de identidade territoriais e identificar relações de pertencimento existentes entre os estudantes e seus territórios;
- Elencar as principais lutas e reivindicações agrárias dos sujeitos e levantar dados a respeito de quem são os que possuem ligação direta com a agricultura familiar, com o trabalho do campo ou com o trabalho urbano, quantas famílias são proprietárias de suas terras que tipo de propriedade possuem;

¹ Página da poetisa: https://www.instagram.com/a_poeta_camponesa/

- Analisar dinâmicas e mudanças físicas e sociais dentro dos territórios que englobam a comunidade, ocorridas durante os últimos anos em que o Inventário não foi atualizado devido a pandemia da COVID 19.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

O território do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá, tem sido objeto de pesquisa desde meados do ano letivo de 2018, data esta que segundo os professores mais antigos da escola, teria sido de quando começaram os estudos para a composição do “Inventário da escola”. O presente estudo não poderia ter sido realizado sem a pesquisa dentro do documento existente, pois foi por termos um documento como ele que conseguimos fazer um contraponto e assim confrontar as duas realidades. Segundo as Diretrizes Pedagógicas da Educação do Campo: “O inventário é uma ferramenta para levantamento e registro organizado de aspectos materiais ou imateriais de uma determinada realidade.” (2019. pág. 1) Dessa forma, podemos perceber que a realidade não pode ser vista como uma constante estática. Sendo assim, o “Inventário” necessita ser um documento vivo e em constante mudança.

Importante salientar que para a construção deste estudo foi necessária a realização da pesquisa qualitativa, por meio dela foi possível avaliar e contextualizar todos os dados obtidos, bem como também com a ajuda das visitas e entrevistas realizadas. A pesquisa qualitativa nos permite aprofundar nos estudos sobre a identidade e o território do CEF Tamanduá, sem nos prender a dados estatísticos, segundo, *et. all* Kripka:

Os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde estes ocorrem e do qual fazem parte. Para tanto, o investigador é o instrumento principal para captar as informações, [...]. As informações ou dados coletados podem ser obtidos e analisados de várias maneiras dependendo do objetivo que se deseja atingir. Num estudo qualitativo a busca por dados na investigação leva o pesquisador a percorrer caminhos diversos, isto é, utiliza uma variedade de procedimentos e instrumentos de constituição e análise de dados. (2015. pg. 57)

Na presente pesquisa foi necessário ter em mente quais seriam as técnicas de instrumentos metodológicos que deveriam ser buscados e compreendidos para que

fossem encontrados caminhos de abordagem que melhor se adequassem aos nossos objetivos frente ao trabalho desenvolvido. Um dos caminhos encontrados foi a construção de uma “Cartografia Social”, onde nós, enquanto pesquisadores e professores que fazem parte a comunidade escolar do CEFTAM nos identificamos, tal como os demais professores e estudantes como sujeitos que integram a escola, considerando que segundo Moura e Marques:

Este método propõe que os sujeitos historicamente excluídos da produção do conhecimento científico se apropriem de procedimentos específicos da Ciência Cartográfica para representar e interpretar o espaço de estudo. Nesse caso, o que nos legitima é a experiência enquanto sujeitos de comunidades escolares do campo. (2022. pg. 5)

Sendo assim, pode se ver que foi possível respaldar a pesquisa de forma que possamos ser além não apenas autores, mas também participantes, como parte integrante dos objetos de estudo, pois estamos incluídos nela por ser morador e trabalhador do campo e sobretudo profissionais que atuam dentro da instituição que é a maior fonte de pesquisa do trabalho realizado. Segundo Marques *apud Whyte*:

[...] o trabalho de campo e a convivência com os sujeitos pesquisados são processos decisivos para o desenvolvimento das ideias a respeito da realidade social estudada.[...] Ainda que o pesquisador não consiga apresentar um relato totalmente completo, é a partir da interação com essa realidade que o pesquisador percebe a emergência de certos padrões no grupo estudado. Aí está a lógica da pesquisa para Whyte: “As ideias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver” (2016. pg. 271).

Outro método de pesquisa realizado durante o desenvolvimento do presente estudo, foi a “Pesquisa de Campo” por meio de amostra representativa.

Ao realizar a pesquisa, visitamos os territórios que fazem parte da comunidade escolar e nessas visitas entrevistamos informalmente alguns dos moradores mais antigos da região, como por exemplo a “Dona Rosa”. Essa senhora é uma das moradoras mais antigas do acampamento Nova Jerusalém (Antigo acampamento Che Guevara) e também é a pessoa responsável pela coordenação da parte coletiva de educação do acampamento. Questionamos ela sobre como se deu a mudança do nome do acampamento e o porquê. Segundo ela, “Che Guevara” é um nome ligado a uma pessoa que tem uma “má fama” e que o acampamento já deixou de receber doações de instituições filantrópicas devido a ele, então por esses motivos decidiram

mudar. Sabe-se que além desses existem também motivos políticos por trás da mudança de nome, mas a visão de uma moradora tem um caráter excepcional para a pesquisa.

4. REALIDADE FÍSICA E SOCIAL DA ESCOLA

Figura 1. Pátio externo e entrada do CEFTAM.



(Fonte: Inventário CEFTAM (2021))

O Centro de Ensino Fundamental Tamanduá (CEFTAM), iniciou sua trajetória no ano de 1959, contando apenas com uma sala de aula, uma professora e uma diretora. Hoje, após uma história de lutas e conquistas, podemos afirmar que durante estes 64 anos houveram grandes mudanças. A escola possui 16 turmas que estão distribuídas em 8 salas de aula que atendem no vespertino: a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental. A Educação Infantil é dividida em duas turmas: uma turma de 1º e outra de 2º período. Temos nas séries iniciais do ensino fundamental: um 1º ano, um 2º ano, dois 3ºs anos, um 4º ano e um 5º ano. No período matutino essas mesmas 8 salas de aula atendem os anos finais do ensino fundamental sendo: dois 6ºs anos, dois 7ºs anos, um 8º ano, dois 9ºs anos e uma classe especial.

Figura 2 - Produção, manutenção e colheita da horta escolar no CEFTAM.



Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

Também temos o projeto: “Horta”, com 9 canteiros divididos por turmas e professores da pré escola, anos iniciais e finais. Na figura 2, você pode ver algumas das produções colhidas da nossa horta durante o período de 2022 a 2023. Os estudantes preparam o terreno, pegam nas enxadas sem medo, capinam e plantam sementes, é possível perceber em seus rostos a satisfação em ver crescer o plantio. Concordo com Ziech quando ela diz:

Como professora, identifico que os alunos se envolvem com mais participação e entusiasmo nas atividades realizadas com as séries iniciais na escola do campo, não demonstrando receio em colocar as mãos na terra, em plantar sementes ou mudas, mas, conforme vão crescendo, a terra passa a ser sinônimo de sujeira. Parece-me que conforme vão

crescendo, a visão romântica da infância vai passando e percebem que o trabalho no campo envolve, muitas vezes, os fins de semana. Talvez essa seja uma das grandes questões que modificam a forma de pensar e ver a vida no campo.(2017. pg.13)

A escola possui uma quadra poliesportiva coberta com medidas de futsal, voleibol e handebol, parque de diversões para os alunos até o 1º ano, uma área verde com 6 mesas de concreto com tabuleiros de xadrez e 24 bancos. Na próxima figura você verá como estão o parque e a quadra atualmente. Todos os anos esses espaços são utilizados pela escola com a promoção da “Festa junina” onde há participação contundente da comunidade, pois toda ela se faz presente e é na quadra poliesportiva que acontecem as apresentações das quadrilhas: “Formiguinha” (séries iniciais) e Formigão (séries finais). Esta festa faz parte da tradição da escola e é esperada com grande entusiasmo por todos.

Figura 3 - Parque dos alunos da pré escola e quadra poliesportiva do CEFTAM.



Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

Temos guarita com 4 vigilantes terceirizados em escala de 12 por 36 horas para controle de entrada e saída dos alunos, servidores e comunidade em geral da escola, equipe de limpeza com oito colaboradores terceirizados, biblioteca com uma servidora readaptada atendendo as séries iniciais com o projeto contação de história e os anos finais com o projeto: "Literatura". Possuímos dois bebedouros para os alunos com água gelada, um poço artesiano com tubulação antiga e de ferro, o que acarreta em

um sabor ruim na água consumida pelos alunos. A internet que está disponível é via rádio e que infelizmente não atende de forma adequada às necessidades da escola.

A sala da secretaria possui chefe de secretaria e auxiliar. A sala da direção funciona junto com vice-direção e supervisão administrativa. A sala da mecanografia funciona com servidora do SAE (Servidores Auxiliares de Educação) realocada após extinção do cargo de auxiliar de limpeza. Na cantina temos dois colaboradores terceirizados para a produção de dois lanches por turno, refeitório para os servidores, sala de TV com sofá, cozinha com microondas e fogão a gás. Temos sala para os professores, sala de coordenação pedagógica. A escola possui apenas uma sala para os atendimentos: SEAA, AEE e SOE. Estamos sem orientadora educacional, e professor de sala de recursos devido aos profissionais dessas áreas estarem de LTS.

Essa foi uma descrição resumida da escola e pode ser encontrada de forma ampla dentro do PPP. Contudo, observa-se que as salas de aula estão superlotadas, além disso existe uma lista de espera com nomes de estudantes que não conseguem vagas para se matricularem na escola. Os banheiros não são adequados para a Educação Infantil. É preocupante que os estudantes que concluem o nono ano são diretamente encaminhados, para o Centro de Ensino Médio 2 do Gama DF, uma escola de Ensino Médio que fica dentro do perímetro urbano e não atende as necessidades do estudante do campo, sendo assim boa parte deles desistem dos estudos e não concluem o Ensino Médio. Ademais, é evidente que os estudantes necessitam de um programa de assistência social efetiva, com atendimento psicológico, fonoaudiológico, neurológico dentre outros.

É preciso deixar claro que o intuito não é romantizar as mazelas da educação que se abastece de desrespeito aos professores por parte principalmente do governo que desvaloriza os profissionais da educação e faz uma batalha em prol do desmantelamento da escola pública, deixando nítido os interesses escusos da privatização do ensino. Por isso, quando olhamos para a história de lutas e conquistas, quando vemos a participação da comunidade e o carinho com que somos agraciados, percebemos que sim, o caminho está sendo trilhado e talvez um dia... quem sabe...

5. TRANSPORTE UTILIZADO PELO ESTUDANTE

Os estudantes do CEF Tamanduá dependem do transporte escolar rural, para ter acesso a escola. Segundo o "Inventário da escola": 99% dos estudantes chegam à escola através desse meio de transporte. Esse transporte tem sido oferecido a comunidade desde 2008, ele está de acordo com a Resolução CNE/CEB Nº 2, de 28 de abril de 2008, que estabelece as diretrizes complementares, normas e princípios para desenvolvimento da Educação Básica no Campo, definindo critérios para nucleação de escolas e atendimento pelo transporte escolar com a preocupação de ampliar as possibilidades de oferta de educação o mais próximo possível da moradia dos estudantes.

O maior problema encontrado pela escola é o fato de que em dias de chuva os ônibus não chegam até as ruas mais distantes onde moram, porque correm o risco de ficarem atolados na lama. Por esse motivo, muitos estudantes faltam às aulas em dias de chuva. Para resolver esse problema estamos à espera da contratação de empresas que possuam frota de ônibus com tração nas 4 rodas, próprio para esse tipo de terreno, mas não há previsão de quando irão realmente atender a comunidade. Na figura 4, ao lado, pode ser observado um desses ônibus escolares rodando na chuva e acima uma das pistas enlameadas por onde tem que passar nos dias de chuva.

Figura 4 -Ônibus escolar, Linha L.5.4.M, estrada em dia de chuva, território Ponte Alta, sentido Frigorífico Pontal.



Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

A frota conta com 5 ônibus para realizar o deslocamento dos nossos estudantes nos turnos matutino e vespertino, eles são distribuídos da seguinte forma: Cada um dos ônibus têm uma linha de trajeto: 1ª: **L.2.2.M**, 2ª: **L.5.M**, 3ª: **L.5.5.M**, 4ª: **L.5.1.V** e 5ª: **L.5.4.M**. Alguns desses trajetos atendem apenas parte de um território, outros mais de um território, ou seja, após análise dessas linhas pode-se perceber que não temos como definir um território apenas tendo como dado a trajetória dos ônibus escolares.

A 1ª linha, **L.2.2.M**, atende parte do território que no presente estudo foi nomeado como: "**Ponte Alta**". Contudo segundo o atual Inventário do CEFTAM (2021) esse percurso atende o "território da Cerâmica Santa Maria", mas acreditamos que ele não define mais o território como é observado hoje, pois abrange muito mais do que apenas as chácaras em torno do que foi um dia uma fábrica de tijolos. Ele tem como motorista o Sr. Renan e a monitora, a Sra. Ana Paula. A placa do ônibus é KOL 7985, com percurso de 28 quilômetros, sendo dividido na DF 180, LJIL Avícola, Chácara Divino Paraíso, Horta Lima, Chácara Estrela Guia, Chácara Vista Alegre, Chácara Ponte Alta, Fazenda Pedacinho do Céu, Chácara Recanto Auriverde, Fazenda

Tamanduá, Bar Rota 180, Mercearia Gomes, Cerâmica Santa Maria, EMBRAPA CTZL e CEF Tamanduá. Este percurso atende 27 estudantes.

A 2ª linha, **L.5.M**, é a mais longa e atende dois territórios nomeados: “**Ponte Alta e Acampamento Nova Jerusalém**”, a fim de esclarecer as mudanças ocorridas no território, por meio deste estudo. Segundo o “Inventário Histórico Social Cultural e Ambiental do CEFTAM (2021)”, esses territórios são chamados de “território do Bar do Gordo e acampamento Che Guevara”. Contudo, atualmente o nome Che Guevara não é mais utilizado por seus moradores e o Bar do Gordo não pertence mais ao Sr. Wellington “Gordo”. O motorista atual é o Sr. Gervásio e a monitora, a Sra. Bruna Nunes. A placa do ônibus é LSJ 3750, com percurso de 62 quilômetros, sendo divididos na DF 180, Aquários Pesque Pague, Ferro Velho, Bar do Gordo, Haras do Morro, Haras Matuso, Pesque Pague Tralheiros, Residencial Nova Jerusalém, BR 060 até o quilômetro 18 e CEFTAM. Este percurso atende 31 estudantes.

A 3ª linha, **L.5.5.M**, atende dois territórios nomeados: “**Condomínio Asa Branca e acampamento Nova Jerusalém**”. No Inventário do CEFTAM (2021), esses dois territórios são os mesmos, apenas o nome do acampamento Che Guevara foi substituído pelo acampamento Nova Jerusalém e este recebeu novos moradores da antiga invasão do Jóquei Clube, localizado na R.A do Guará. O motorista é o Sr. Márcio André, e a monitora é a Sra. Edna Silva de Pinho. A placa do ônibus é KXS 4164, com percurso de 46 quilômetros, sendo divididos entre o Residencial Nova Jerusalém, Posto da Polícia Rodoviária Federal, Condomínio Asa Branca, Posto de combustível Catedral, Viaduto de acesso para Santo Antônio do Descoberto, Posto de fiscalização Tributária, DF 180 e CEF Tamanduá. Percurso que atende 36 estudantes.

A 4ª linha, **L.5.1.V**, atende o território nomeado “**Ponte Alta**”. Porém, no inventário do CEFTAM (2021), essa linha abrange 3 territórios, sendo eles: SINDJUS, Suinocop e Cerâmica Santa Maria. Contudo verifica-se que a escola não possui atualmente, estudantes moradores no antigo território Suinocop e os outros territórios possuem características semelhantes e por isso foram, dentro do presente estudo, anexados ao território Ponte Alta. O motorista é o Sr. José Roberto, e a monitora é a Sra. Rayssa Farias. A placa do ônibus é KYN 8550, com percurso de 48 quilômetros, Trevo de ligação entre a DF 180 e DF 290, Frigorífico Pontal, Haras Caverna do

Dragão, VC 351 com passagem na Chácara Sombra da Mata, Chácara Nadja, Escola Classe Córrego Barreiro, Incubadora LJIL, Recanto do Cavaleiro, clube SINDJUS, Chacara Tamboril, Cerâmica, Embrapa CTZ e CEF tamanduá. Percurso que atende 34 estudantes.

A 5ª linha **L.5.4.M**, também atende o território nomeado por este estudo: “**Ponte Alta**”. Contudo, segundo o Inventário do CEFTAM (2021) essa linha, atendia a três territórios, Chácara Camargo, Suinocop e SINDJUS. O motorista é o Sr. Leonardo Nunes, e a monitora é a Sra. Shelly Bruna. A placa do ônibus é LSH 4001, com percurso de 50 quilômetros, Parte do trevo de ligação da DF 180 e DF 290, Frigorífico Pontal, Fazenda Galois, Clube SINDJUS e CEFTAM. Percurso atende 19 estudantes.

6. RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E TRABALHO

Pensar sobre a identidade do território de uma comunidade do campo nos remete a questões relacionadas à produção agrícola. Na realização da pesquisa foi feito um levantamento sobre as relações de trabalho e os meios de produção existentes dentro do território que envolve o CEFTAM. Sobre tudo foi levado em consideração as atuais circunstâncias da sociedade, pois segundo, *et al* Schneider:

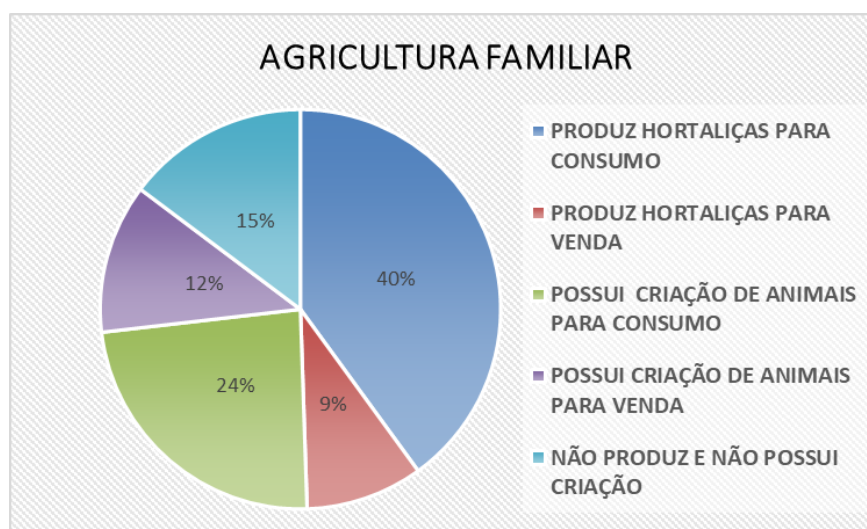
[...] a mudança de pensamento e concepção em andamento sobre a ruralidade, a territorialidade e o desenvolvimento pode ser entendida como uma tentativa de estudiosos, políticos e atores buscar respostas aos desafios e condicionantes impostos pelos processos mais gerais de transformação das sociedades contemporâneas. Embora seja uma metanarrativa, é preciso reconhecer que a globalização econômica e comercial exerce seus efeitos sobre as interações humanas e espaciais, redefinindo a forma e as funções da divisão social do trabalho. Da mesma forma, as modernas tecnologias informacionais, informática e telecomunicações, alteraram vagarosamente as interações sociais, os limites de espaço-tempo e a forma de produzir e trabalhar. (2009. pg.3)

A realização do presente estudo contou com a contribuição dos sujeitos pertencentes a comunidade, realizamos uma pesquisa através de um questionário simples com perguntas feitas diretamente aos 126 entrevistados.

Pretende-se por meio das entrevistas, identificar por amostragem como se dá às relações de produção e trabalho dentro da comunidade. Por meio dela podemos ter uma visão de qual porcentagem das famílias da comunidade escolar trabalham na cidade e moram no campo, ou saber qual a porcentagem que vive da produção no campo, como produção de hortaliças e criação de animais, ou se essa produção seria

para consumo próprio, ou se criam animais/ produzem hortaliças para venda. Ao observar os gráficos abaixo, podemos observar as questões levantadas.

Figura 5 - Gráfico: Porcentagem de produtores dentro da comunidade escolar.

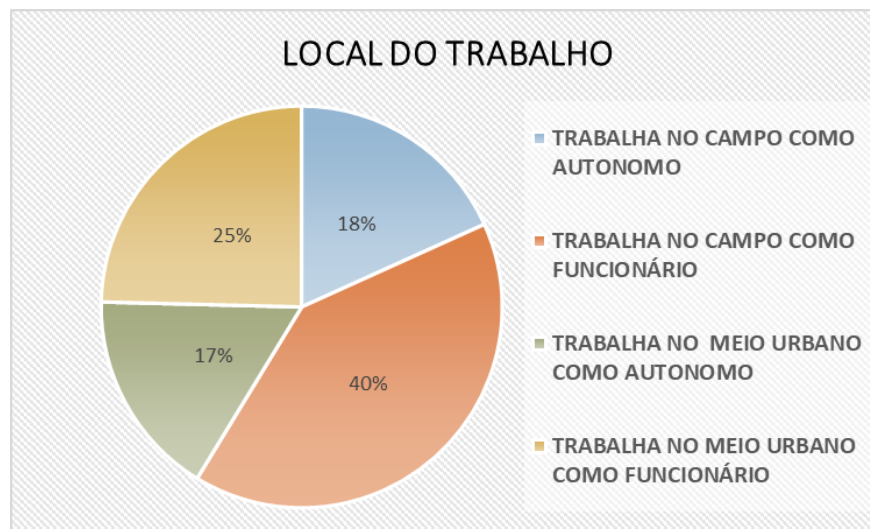


Fonte: Nathanry e Wellington(2023)

Por meio desse levantamento foi possível identificar dentro da comunidade escolar, quais são as principais ocupações dos sujeitos, pois ao levantar dados a respeito de quem são os que possuem ligação direta com a agricultura familiar, ou seja, com o trabalho no campo diretamente ou com o trabalho urbano. Além disso, podemos identificar na comunidade, os que vivem da terra, quantas famílias são proprietárias, quais os tipos de produção, onde são distribuídas as produções. Ao concluir a pesquisa foi possível perceber que grande parte da comunidade está envolvida com a “Agricultura familiar”, como podemos ver no gráfico acima. Apenas 15% dos entrevistados não produzem e/ou não possuem nenhum tipo de criação animal, o restante estão de uma forma ou outra ligados à produção agrícola no campo. Nesse sentido, a escola do campo assume um papel indispensável na vida dos estudantes. Concordo com Ziech quando ela diz:

A escola do campo precisa dar às crianças e jovens o embasamento necessário para que possam escolher em permanecer no campo com dignidade, ou sair dele com igualdade de condições em relação a outros alunos do mesmo nível de ensino. (2017. pg.61)

Figura 6 - Gráfico: Porcentagem dos trabalhadores que residem no território escolar e que trabalham no campo ou na cidade.



Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

Outro ponto importante a salientar é a questão da relação entre as pessoas que não detêm a posse da terra, mas que trabalham nela, pois foi observado que dentro das diferentes formas de residências no território. Esses dados podem ser observados dentro desse estudo na página 27 “Figura 11 no gráfico: Porcentagem do tipo de residência dos moradores no território do CEFTAM”, onde mostra quantos são os proprietários de terra e quantos não são.

Contudo, existem muitas propriedades privadas, onde se englobam tanto chácaras escrituradas quanto não escrituradas, também existem casas dentro de um acampamento sem terra e casas próprias e/ou alugadas dentro de um condomínio de terras escrituradas, porém não regularizado.

A partir desses dados foi possível notar que na comunidade há uma quantidade expressiva de moradores em casas cedidas e que essas moradias estão intrinsecamente ligadas ao seu modo de subsistência, pois, essas casas pertencem a donos de chácaras que contratam os serviços de caseiro ou de empresas como: Embrapa Hortaliças e Haras. No gráfico acima, 40% dos entrevistados vivem do trabalho no campo, mas como funcionários. Por meio desses dados podemos perceber que os estudantes do CEFTAM fazem parte em sua grande maioria de uma classe trabalhadora que não detém a posse das terras em que vivem.

Outro ponto, observado a partir da análise dos dados, é que 25% dos entrevistados trabalham na cidade como funcionários. Acreditamos que a proximidade do território com o meio urbano torna essa possibilidade cada dia mais preocupante,

pois os condomínios com moradias irregulares vem crescendo a cada dia, descaracterizando o território como sendo rural, pouco a pouco. Independente disso, podemos observar que a forte identidade estabelecida pelos moradores ao longo dos anos tem retardado essa mudança. Concordo com Schneider quando ele afirma:

Vários estudiosos mostraram que grupos sociais com forte identidade e sentimento de pertencimento são socialmente coesos e capazes de se impor de forma reativa ou proativa aos efeitos externos. Assim, grupos locais com identidade social e territorial conseguem mobilizar forças e estratégias em face às tendências de massificação e pulverização cultural provocadas pela globalização. Neste caso, o recurso ao conceito de território ajuda a explicar as estratégias de localização através do fortalecimento da identidade, dos valores imateriais e da cultura. Assim, formas de resistência podem emergir à medida que os grupos sociais sejam capazes de mobilizar-se politicamente tendo como ponto de referência a identidade social baseada no senso de lugar. (2009. pg. 5)

Nesse sentido, acreditamos que a escola do campo tem um papel essencial na ampliação da cultura e no desenvolvimento de uma identidade de pertencimento a qual todos na comunidade escolar faz parte.

7. TERRITÓRIO

Ao pesquisar sobre o território do CETAM, foi necessário abranger o conceito de território. Após os estudos foi possível compreender que quando falamos em educação do campo o território não é determinado por uma demarcação de terra, ou por pontos de referência conhecidos por seus moradores. Ele está intrinsecamente ligado à identidade dos sujeitos e o reconhecimento de um território engloba todo um sentido de pertencimento, características tanto culturais quanto históricas em comum, além das lutas e desafios que juntos enfrentam. Segundo Sá:

O conceito de Território compreende o modo pelo qual um grupo humano se estabelece social e culturalmente neste espaço, de acordo com as formas coletivas que permitem a reprodução do seu modo de vida e de sua identidade cultural. Dessa forma, a noção de território destaca a relação complexa que existe entre a terra enquanto espaço material e os processos sociais, a dimensão cultural e simbólica, os valores éticos, espirituais, simbólicos e afetivos.[...] a perda do território significa perda da existência e da identidade. [...] a história dos movimentos sociais, das lutas coletivas dos povos do campo e da cidade, na conquista e/ou manutenção da base material essencial para sua existência.(2010. pg. 2,4)

Nesse sentido, ao estudar o território do CEFTAM, foi necessário levar em consideração o quão abrangentes ele deve ser. O estudo de documentos sobre territórios camponeses no Distrito Federal, por meio da pesquisa realizada por Moura e Marques (2022. pg. 34), mostra que a cidade do Gama- DF foi criada em abril de

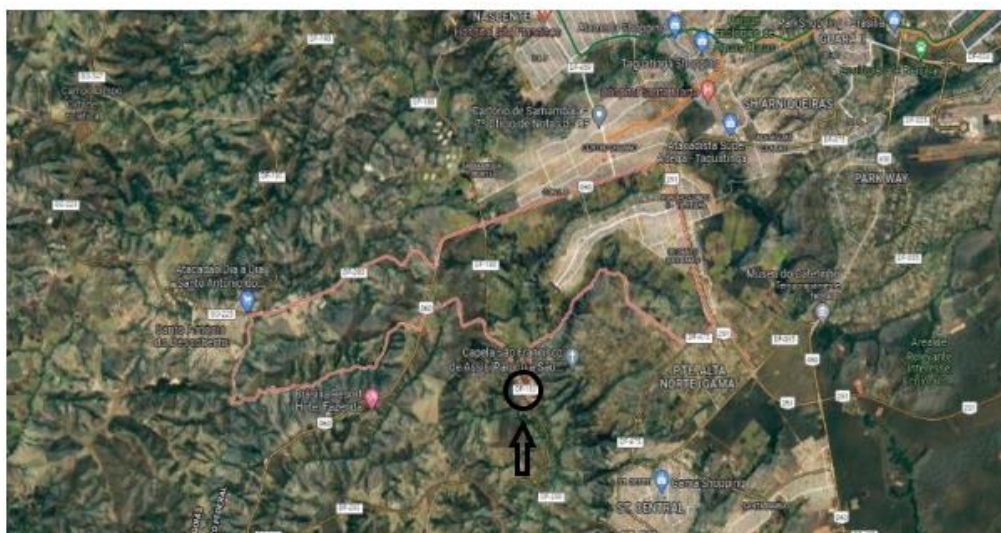
1960 [...] Até 1989 a cidade englobava o Núcleo Urbano de Santa Maria e o Recanto das Emas. Hoje, faz divisa com as cidades Recanto das Emas, Novo Gama -GO, Riacho Fundo II, Park Way, Santa Maria e Santo Antônio do Descoberto- GO. Atualmente é formada por áreas urbanas e rurais, possui 138 mil habitantes e uma área de 27605,34 hectares.

A área rural é formada pelo Núcleo Rural Monjolo, pela Colônia Agrícola Ponte Alta, Córrego Crispim, Núcleo Rural Ponte Alta de Baixo, Ponte Alta Norte e Alagado . Consta no “Inventário da escola”, que o CEFTAM é uma das instituições públicas de ensino mais antigas do Distrito Federal.

A Escola Rural do Tamanduá hoje o Centro de Ensino Fundamental Tamanduá (CEFTAM), iniciou suas atividades escolares no ano de 1959, de acordo com informações prestada pelo Museu da Educação do Distrito Federal, teve o seu reconhecimento oficial, pela então Fundação Educacional do DF, em 1966. Segundo o Inventário, Histórico, Social, Cultural e Ambiental (2021), onde foi conferido a escola o título de Escola Pioneira do DF em virtude das suas primeiras atividades serem datadas do ano de 1959.

O Centro de Ensino Fundamental Tamanduá, localiza-se em uma área da Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Hortaliças, localizada às margens da Rodovia DF 180 Km 61 Ponte Alta do Gama. Atualmente a instituição de ensino faz parte da Coordenação Regional de Ensino do Gama, porém sua localização geográfica está na área da Região Administrativa do Recanto das Emas, chamada de Vargem da Benção. Sendo assim, a localização do território físico da escola pertence a RA do Recanto das Emas, porém a comunidade reside em sua maioria na área pertencente a RA do Gama. Contudo, também temos estudantes residentes na RA da Samambaia e Recanto das Emas. Como podemos ver nas duas imagens a seguir é possível perceber essa discrepância se observar a localização do CEFTAM indicada com uma seta e um círculo desenhados tanto no mapa do Gama quanto no mapa do Recanto das Emas. Ao observar os mapas pode ser vista claramente a localização da escola dentro da região administrativa do Recanto das Emas.

Figura 7 - Imagem de Satélite da RA Gama.



Fonte: Google maps (2023)

Figura 8 - Imagem Satélite da RA Recanto das Emas.



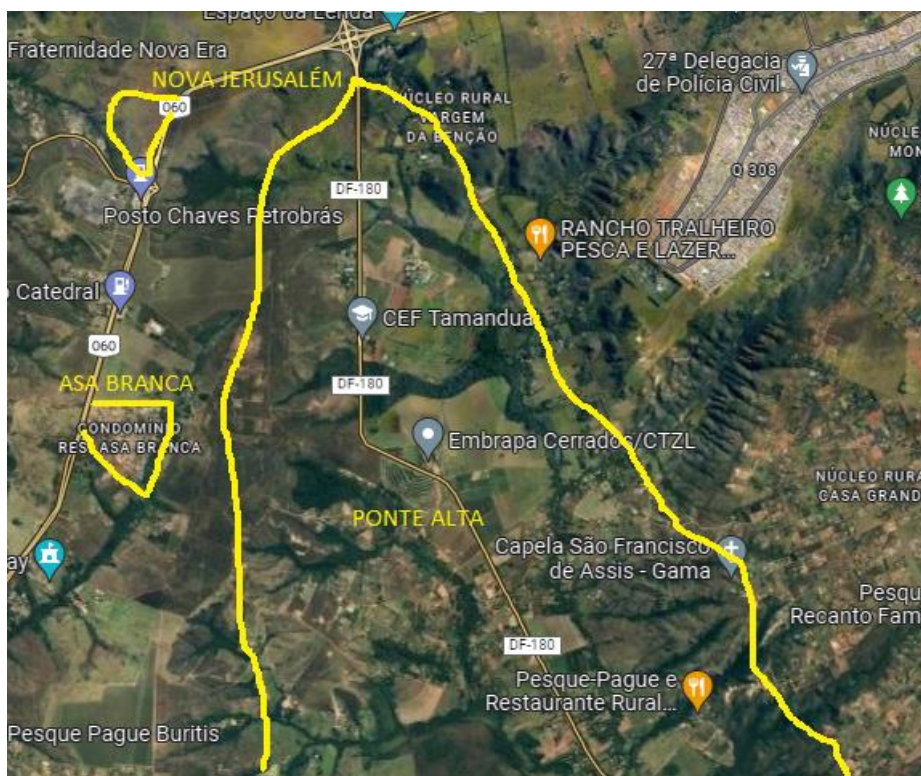
Fonte: Google maps (2023)

Um dos objetivos do presente trabalho tem o intuito de atualizar o “Inventário histórico e social” e conseqüentemente as informações sobre o contexto em que está inserida a comunidade escolar. Ao fazer o mapeamento do território em questão, foi possível perceber que existem 7 territórios citados no Inventário do CEFTAM (2021). Além dele existe ainda outro grupo de moradores com cerca de 50 pessoas indígenas que fazem parte do atendimento da ONG: ATINI. É notável que os mesmos não estão relacionados dentro do atual documento.

Além disso, percebemos que não havia necessidade de dividir o território em sete, mas sim em três partes distintas, afim de melhorar o entendimento sobre quem

são os moradores desses territórios. A partir desse estudo, os territórios serão divididos de acordo com sua localização, história de formação e do modo de relação que os sujeitos mantêm com o trabalho e a produção na terra. Segundo nossos estudos atualizados, as três comunidades distintas são: **1ª**- Condomínio Asa Branca, localizado na RA II (Gama); **2ª**- Residencial Nova Jerusalém, Localizado na RA XII (Samambaia); **3ª** - Ponte Alta, localizado na RA II e RA XV (Gama e Recanto das Emas). Como está circulado em amarelo no mapa a seguir:

Figura 9 - Imagem satélite dos territórios: Ponte Alta/ Nova Jerusalém/ Condomínio Asa Branca.

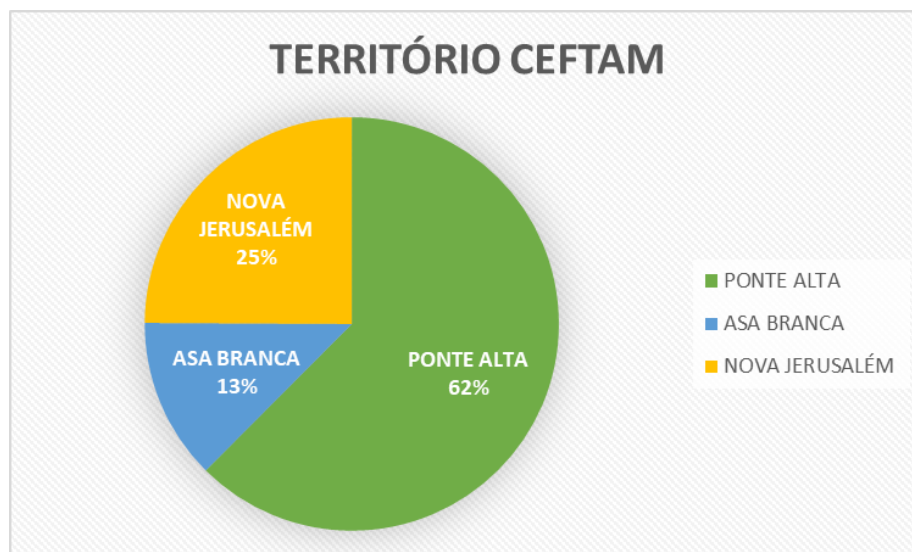


Fonte: Google maps (2023)

No Inventário do CEFTAM (2021), verifica-se que a comunidade escolar foi dividida em 7 territórios geográficos: 1. Acampamento Che Guevara; 2. Bar do Gordo; 3. Cerâmica Santa Maria; 4. Chácara Camargo; 5. Condomínio Asa Branca; 6. Território Sindjus e 7. Território Suinocop. Contudo acreditamos que essa divisão em sete territórios não representa a atual realidade do território em questão. Isso por que os territórios 2. Bar do Gordo, 3. Cerâmica Santa Maria, 4. Chacara camargo, 6. SINDJUS e 7 Suinocop, fazem parte de um mesmo território, com as mesma lutas, modo de produção, tipo de renda, áreas das chácaras e localidades. Após análises e pesquisas foi possível perceber que na atual conjuntura o território abrange três partes

distintas: Acampamento Nova Jerusalém com 25% (um quarto) dos estudantes, Condomínio Asa Branca com 13% dos estudantes e Ponte Alta com 62% dos estudantes.

Figura 10- Gráfico: Porcentagem de estudantes por território.

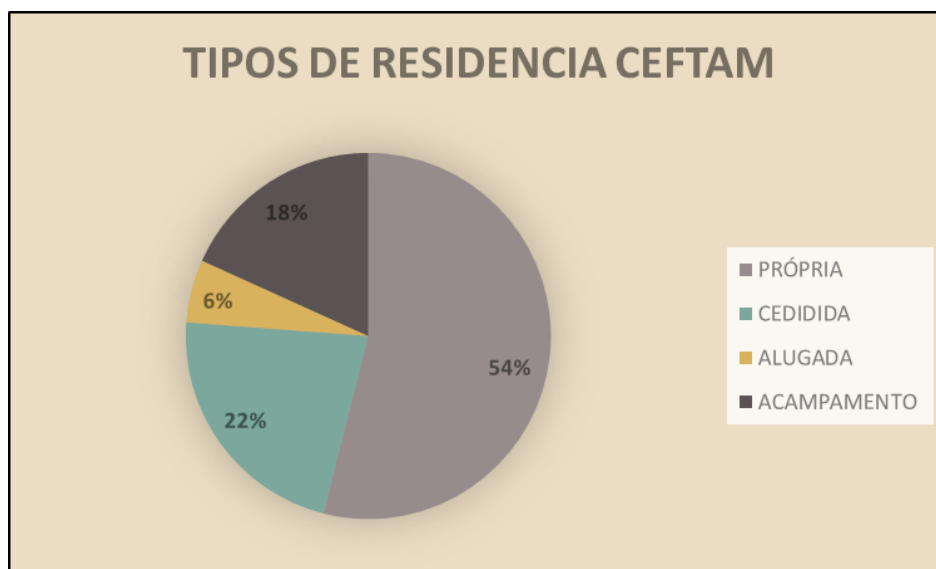


Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

No entanto, foi constatado que cerca de 7 estudantes foram encontrados fora desses territórios, pois residem em áreas distintas, em outras cidades e por motivos diversos escolheram estudar no CEFTAM, mesmo com a distância que dificulta a sua estadia na UE. Importante salientar que no gráfico a seguir esses estudantes não foram computados por estarem em territórios separados entre si e por sua natureza de permanência transitória, nos fez acreditar que para o propósito do estudo essa seria a melhor forma de apresentação dos dados obtidos.

Outra questão analisada foi a que está diretamente relacionada com os tipos de moradia das famílias que compõem o território do CEFTAM, ou seja, quais são as famílias proprietárias de terras, quais são as que vivem de aluguel, ou em casas cedidas?

Figura 11- Gráfico: Porcentagem das formas de residência dos moradores no território do CEFTAM.



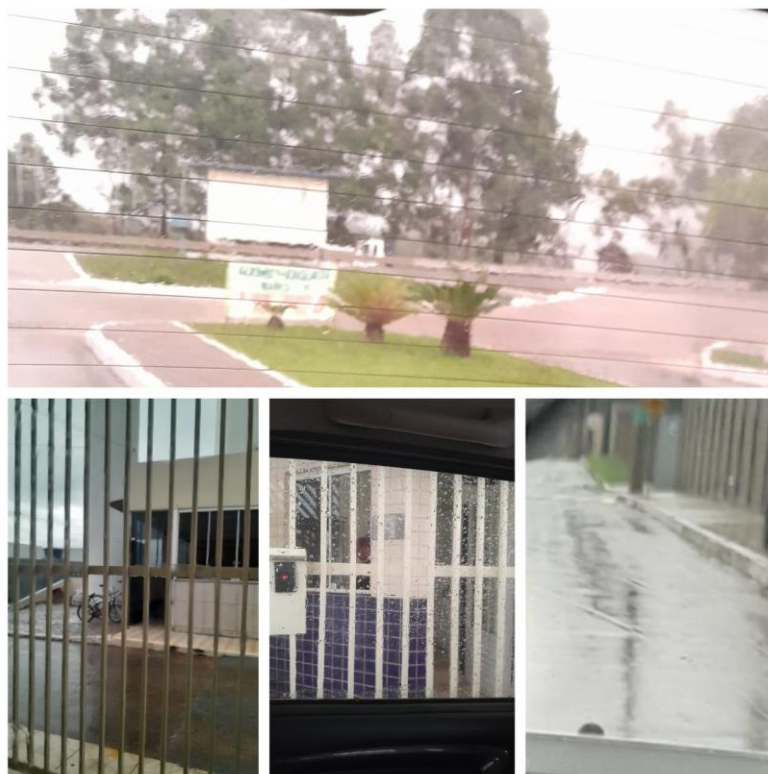
Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

Com a análise baseada nas respostas coletadas nas entrevistas, foi possível observar que poucos são os que moram de aluguel, a maioria possui propriedade privada. Importante salientar que as propriedades privadas em sua maioria estão faltando documentações relacionadas à posse de propriedade. No gráfico acima é possível observar os resultados da soma de dados coletados.

Após as análises das questões relacionadas à moradia passamos a observar de perto o lugar onde elas se encontram e observar a diversidade entre os territórios de forma presencialmente. A seguir a análise do território que fica dentro de um condomínio Asa Branca.

7.1. Território Asa Branca

Figura 12 - Fotos em dia chuvoso no território Condomínio Asa Branca



Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

O Condomínio **Asa Branca**, encontra-se em processo de regularização, localizado na BR 060, Km 16, Gleba 06, Recanto da Emas-DF, sentido Goiânia/Brasília e tem como pontos de referência o posto de fiscalização da Polícia Rodoviária Federal, Subestação de Furnas Centrais Elétricas e o posto de gasolina: “Asa Branca”.

O condomínio possui escritura pública da área total e está em fase de regularização das frações. Os moradores em sua maioria são trabalhadores urbanos e alguns produzem em pequenas hortas, árvores frutíferas e galinheiros com poucos animais e para consumo próprio, os alunos atendidos pelo CEF Tamanduá são atendidos pelo transporte escolar, atendendo a Meta 8, no parágrafo 8.34 que diz, Garantir a política de transporte escolar exclusivo com monitor para a educação do campo. PDE-DF (DODF nº 135,15/07/2015).

No condomínio encontramos 153 lotes de tamanhos diferentes, sendo os primeiros de 3000 metros quadrados que vem sendo subdivididos para 1800, 800 e até 300 metros quadrados, possui 320 famílias cadastradas no condomínio, o que vem acarretando no aumento da comunidade, o condomínio tem infraestrutura de

água de poço artesiano e cada morador tem o direito de 30.000 litros diários incluso no valor pago do condomínio e caso necessite de mais água o mesmo deve pagar a parte o excedente.

O sistema de tratamento de água e esgoto, não existe, por isso os dejetos são armazenados em fossas sépticas para recolhimento por caminhões quando necessário. Dentro do condomínio, encontramos calçadas em todas as vias, pavimentação de asfalto na rua principal e bloquetes nas demais, constam duas igrejas evangélicas, campo de futebol de areia, Guarita com funcionário 24 horas, sistema de câmeras e iluminação nas ruas de circulação coletiva.

Existe um mercado que pertence a um morador chamado Cardoso. todas as casas são de alvenaria e os lotes fechados com muros e grades, consta uma praça coletiva em construção e acreditamos que a comunidade dispõe de uma situação financeira boa.

7.2. Território Nova Jerusalém

Figura 13 - Fotos em dia chuvoso do território Nova Jerusalém - março 2023.



Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

O Residencial **Nova Jerusalém**, era conhecido antigamente como: “Acampamento Che Guevara”. O mesmo antes fazia parte da Frente Nacional de Luta Campo e Cidade (FNL) é uma comunidade que também vem lutando por demarcação

e regularização da área, está localizado na BR 060, próximo a entrada da DF 280 que faz a ligação para a cidade de Santo Antônio do Descoberto-GO e tem como referência o Posto Petrobrás, Subestação de Furnas Centrais Elétricas de Samambaia e Acampamento Rosa Luxemburgo.

A comunidade veio do antigo acampamento Chico Mendes, local que teve a reintegração de posse aos proprietários em 2017. Na atual área, existem cerca de 1000 lotes demarcados com metragens de varia de 600 metros quadrados para os primeiros que vieram do antigo acampamento e 300 metros quadrados para os que chegaram após o cercamento da área. percebemos uma organização entre as lideranças do movimento no sentido de terem uma associação e organização dos espaços coletivos, as ruas de acesso não têm pavimentação, sendo elas de terra e sem águas pluviais.

A água para consumo nos lotes é proveniente do poço artesiano feito no local e com distribuição para todos sem pagamento pela mesma, a energia elétrica é irregular e também atende a todos da comunidade, existe internet via fibra óptica no local e cada morador trata diretamente com a operadora responsável, pagando individualmente pelos seus planos.

Existem apenas duas construções de alvenaria no local, uma é habitada pela líder do movimento e ela já existia no local antes da ocupação, a outra é a sede da associação e também já existia no local antes da ocupação do espaço. A área usada pela comunidade está entre as torres de transmissão de energia elétrica que cruzam o acampamento.

Percebemos que nos lotes tem várias árvores frutíferas como manga, abacate, laranja e limão, produção de mandioca, feijão andu, alguns pequizeiros nativos e hortas individualizadas, alguns moradores também criam frangos e galinhas para consumo próprio.

Os lotes possuem fossas sépticas para a coleta do esgoto produzido. O transporte público que atende a comunidades e da linha que atende as cidades de Santo Antônio do Descoberto, Engenho das Lages e Água quente.

Os moradores são atendidos pela UBS 03 de Samambaia, Centro de Referência e Assistência Social de Samambaia. Os alunos do ensino médio e EJA estão sendo atendidos no Centro de Educacional Engenho das Lages (CEDEL). Percebemos ainda que a organização do assentamento é distribuída em várias frentes: Saúde, onde a responsável deve buscar parcerias com UBS, médico da família, campanhas de vacinação entre outras políticas de saúde. Educação, onde a responsável deve buscar vagas e providenciar as matrículas das crianças na fase escolar.

A comunidade conta com um electricista, que é o responsável por realizar as ligações elétricas para os barracos e vias da comunidade. Tem um responsável pela organização da coleta de lixo que é deixada em um ponto específico para a coleta pelos caminhões. Bombeiro hidráulico, que organiza as instalações hidráulicas nos lotes e Cultura, responsáveis pelas confecções de artesanatos. Percebemos pelas construções dos barracos que a comunidade dispõe de uma situação financeira baixa.

7.3. Território Ponte Alta

Figura 14 - Ponte Alta.



Fonte: Nathanry e Wellington (2023)

O Território **Ponte Alta**, faz parte da maior região atendida pelo CEFTAM, é composto por áreas com muitas chácaras de até 20.000 m². No entanto, chácaras com quilometragens menores existem, mas não podem ser escrituradas.

Os habitantes são atendidos na DF 180 pelas empresas de transporte público URBI e Pioneira, com a linha 206.2 que ligam as cidades do Gama e Samambaia, a

via vem sendo reconstruída com verba de emenda parlamentar do Deputado Chico Vigilante após anos de reivindicações da comunidade. existem neste território a produção de leite, hortaliças, silagem, milho, frutas, galinhas, ovos, peixes, pitaya, porcos entre outras produções.

A água para consumo desta comunidade é em sua maioria de cisternas, seguida de poços artesianos e por último de nascentes dos rios da região. As estradas de acesso às chácaras são sem pavimentação e bem danificada na maior parte do ano devido a falta de manutenção, iluminação pública apenas na DF 180, chácaras com e sem documentação junto aos órgãos competentes, localizada na DF 180, rodovia que liga a BR 060 a DF 290 em um percurso de 12 quilômetros de extensão.

A comunidade dispõe de um posto de saúde (UBS 180 Ponte Alta de baixo), Vinculada à Unidade Básica de Saúde 01 do Gama que atende com um médico duas a três vezes por semana e um enfermeiro todos os dias.

Existe em pontos estratégicos nas esquinas das ruas, 03 “2Papa lixo” que estão fixados nas entradas de chão, a coleta de lixo é feita por caminhões apropriados nos dias específicos.

Existem na comunidade, 6 igrejas, sendo elas 05 evangélicas, Igreja do evangelho Pleno, Assembleia de Deus Cerâmica, Assembleia de Deus Ponte Alta 01, Congregação Cristã do Brasil e 01 católica, Capela Nossa Senhora Aparecida um terreiro de candomblé “Canzoar do encoado”, que está localizado ao lado da Escola Classe Córrego Barreiro e o Centro Espiritualista Céu de São Francisco de Assis, casa de oração, meditação, canto e devoção.

Temos a mercearia Gomes, local de venda de alimentos, pequenos reparos e bebidas para consumir no local ou levar para casa. Rota 180, que além de bar também funciona como uma mercearia e a mercearia do Chico Rico, que também atende a comunidade. Temos o Clube SINDJUS, que atende os servidores do judiciário.

Consta nesse território várias empresas dos mais diversos tipos de produção, são elas: a incubadora de ovos galados LGIL que atende a JBS com a produção de pintos para as granjas, a Agropecuária Ágape que vende ração, sementes, madeiras de eucalipto, pintinhos e materiais de construção, Suinocultura Copacabana

² Papa lixo são estruturas localizadas nas esquinas de cada rua com o objetivo de incentivar moradores a depositar seus lixos em locais específicos para facilitar a coleta do lixo. No canto direito da figura 11, podemos ver uma foto de uma dessas estruturas.

(SUINOCOP), que abate porcos e produzem linguiças variadas para venda em mercados nas Regiões Administrativas do Distrito Federal, Fazenda Galois, que atende os alunos da rede em eventos de ecologia e educação ambiental, Granja de frango de corte, Frigorífico Pontal, temos ainda a EMBRAPA hortaliças e EMBRAPA Gado Zebu leiteiro (CTZL), Pesque pague Tralheiros, que é um ambiente rural, com música ao vivo, venda de bebidas e comidas e tem piscina de água corrente, Tilápias que além de ser pesque pague trabalha com pesca esportiva, bar, restaurante e possui piscina para recreação aquática, Haras do Morro, Matuza e Recanto da Montanhas localizados na entrada de chão do km 59 da DF 180, Caverna do Dragão, localizado na entrada de chão do km 70 da DF 180 que além de realizar trabalhos de doma de equinos e muares também comercializam coberturas, potros, cavalos e éguas mangalarga marchador, alguns haras também alugam seus espaços para eventos como casamentos e retiros e o haras da Lenda, localizado na DF 180, km 60 que comercializa também a água mineral da Lenda, consta na área da Ponte Alta a

O território também possui uma comunidade indígena da etnia Kanamariris e Kamayurá atendida pela ONG ATINI e também uma Associação dos moradores da Ponte Alta (AMPA) que tem como representante legal o Sr. Antônio Francisco de Pinho, eleito pela comunidade deste território.

As lutas por território também estão presentes nesse território, conhecemos os moradores da chácara conhecida como: A cerâmica Santa Maria, localizada na entrada da estrada de chão do KM 64 da DF 180, local com moradores que trabalhavam na mesma e lutam por um pedaço de terra em troca dos salários que os mesmos não recebiam durante o funcionamento da olaria. Os moradores dessa área relatam que trabalhavam de 10 a 12 horas e não recebiam salários, hoje, com o falecimento do antigo proprietário da área, algumas famílias já ganharam na justiça um pedaço de terra como forma de pagamento dos salários não recebido. nesta área existe a Associação dos Produtores, Moradores e Trabalhadores da Cerâmica Santa Maria, uma base da CAESB, um papa lixo e a Igreja Assembleia de Deus Cerâmica. Temos no território a Escola Classe Córrego Barreiro (ECCB), que atende os anos iniciais e o Centro de Ensino Fundamental Tamanduá e a escola sequencial da mesma.

8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A questão da posse da terra, historicamente faz parte das lutas e disputas de território da região do centro oeste e conseqüentemente no território do CEFTAM.

Questões como a do morador que recebeu do patrão um pedaço de terra apenas por meio da fala e depois que o patrão morreu não teve como comprovar a doação; como a do Acampamento Che Guevara (Residencial Nova Jerusalém) onde os moradores reivindicam um pedaço da terra pública, são recorrentes em nossa comunidade escolar. Essas lutas são provenientes de uma construção histórica do Brasil, desde a invasão dos colonizadores portugueses até os dias atuais, a questão da posse de terras é acompanhada de lutas sangrentas e injustiças. Segundo Suzuki e Araújo:

A privatização e a mercantilização das terras provocam a expulsão forçada das populações camponesas e o bem que muitas vezes é comum, de muitas famílias ou de uma comunidade, passa a ser o direito de propriedade exclusivo de poucos grupos econômicos. (2022. pg. 85)

Nesse aspecto, Suzuki e Araújo citam como exemplo um caso específico de discussão agrária judicial, onde a justiça determinou a desocupação de famílias que ainda hoje brigam na justiça para reconquistarem o que lhes foi roubado:

[...] representado pelos Autos nº 5000008-77.2005.827.2729 que se tratou de um Interdito proibitório, que tramitou perante a justiça tocantinense, sobre disputas agrárias da realidade de Campos Lindos, do nordeste do Tocantins [...] mais de quarenta famílias de povos tradicionais da Comunidade Serra do Centro tiveram ordem judicial para desocuparem suas terras, alguns ocupando-as por mais de quatro décadas e outros sucedendo seus ascendentes, cuja soma de posses ultrapassa nove décadas. (2022. pg. 86).

Lembrando que a questão da posse de terra atualmente vem sendo palco de discussão inclusive dentro do poder legislativo com a votação da lei sobre o “Marco temporal³”. Aprovada na Câmara dos Deputados, a lei que obriga os indígenas que não conseguirem comprovar que residem dentro do seu território desde 5 de junho de 1988, data promulgação da Constituição Federal, a desocuparem as terras tradicionalmente ocupadas por seus ancestrais. Essa questão que até então estava sendo analisada pelo STF, agora é palco das discussões dentro do Senado Federal, o que comprova que ainda não aprendemos com nossos erros e o desprezo aos direitos dos povos originários vai ser durante muitos anos ainda, motivo de tristeza

³ Fonte de pesquisa disponível em: [Entenda o marco temporal e como ele afeta os direitos dos povos indígenas - Fundo Brasil](#)

para toda sociedade. Nesse sentido podemos perceber que a questão está intrinsecamente ligada ao presente estudo pois trata-se de pessoas que vivem no campo e que apesar dos constantes ataques continuam resistentes.

Dessa forma podemos afirmar que todos lutam pelo direito que lhes foi negado de forma arbitrária. Além disso, lutam para sobreviver dentro de seu modo de vida e subsistência, pois a questão da terra envolve não somente a distribuição dessas terras, mas também a distribuição de recursos para que os trabalhadores tenham condições de cultivá-la e viver desse trabalho. Um exemplo disso acontece dentro do “Assentamento: Oziel II- Planaltina -DF” onde alguns camponeses que conquistam suas terras são de certa forma forçados a arrendar as mesmas para grandes produtores, justamente por falta de recursos para investir na produção dentro de seu terreno. Segundo o Dicionário do Campo, *et.al* Carter:

[...] a desigualdade na distribuição de terras no Brasil é evidenciada pela discrepância da representação política entre camponeses e/ou agricultores familiares [...] e grandes proprietários de terras [...] Como consequência direta dessa desigualdade, os grandes proprietários conseguiram obter 1587 vezes mais recursos públicos do que camponeses e agricultores familiares (2010. pg. 355).

Importante salientar que a educação do campo tem em sua trajetória durante os anos vem enfrentando um discurso implícito carregado de preconceito que vem sendo reforçado por tendências a inferiorizar, estereotipar e segregar o meio rural. Parafraseando Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade muda”. Para que se possa compreender a dinâmica da educação do campo acredita-se que seja necessário não apenas entender que a construção histórica deses indivíduos, mas entender que ela perpaça por um processo de discriminação e exclusão social dentro de toda sociedade. Segundo Júnior e Netto:

A concepção de que o meio rural é um espaço de atraso foi fortalecida a partir da primeira metade do século XX, com o surgimento de um discurso modernizador e urbanizador, que enfatizava a fusão entre os dois espaços, urbano e rural, por acreditar que o desenvolvimento industrial, em curso no Brasil, faria desaparecer dentro de algumas décadas a sociedade rural. Segundo a ideologia da modernização, “o campo é uma divisão sociocultural a ser superada, e não mantida”(2011. pg. 48)

É necessário nos atentar para essa questão, pois combater esse preconceito é dever de todos nós. Para tanto é preciso conhecer melhor o território camponês dentro da comunidade escolar, além disso, acredita-se ser preciso ter em mente que muitas

são as características individuais dos moradores. Abarcar todas elas faz parte de um processo delicado e de muita responsabilidade. Por isso é necessário que se tenha consciência de que por mais que o território tenha sido mapeado e detalhado nem tudo será abordado, pois por mais que se tente o tema nunca será esgotado, devido às constantes mudanças ocorridas na sociedade de um modo geral. Por isso o presente estudo leva em consideração o amplo conceito de território, segundo Fernandes no Dicionário do Campo:

O território camponês é o espaço de vida do camponês. É o lugar ou os lugares onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. O território camponês é uma unidade de produção familiar e local de residência da família, que muitas vezes pode ser constituída por mais de uma família. [...] Esse território é predominantemente agropecuário. (2012. pg. 744)

O território da comunidade do CEFTAM, tem essas características e para além disso existem também as dificuldades que são derivadas de um sistema que desfavorece os pequenos produtores. Nesse contexto é importante salientar que durante o período da pandemia que se deu ao iniciarmos o ano letivo de 2020, ocorreu que o governador do Distrito Federal em virtude da pandemia institui o Decreto GDF No 40.509 de 11/03/2020:

Art. 2º Ficam suspensos, no âmbito do Distrito Federal, pelo prazo de quinze dias: III – atividades educacionais em todas as escolas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública e privada.

Acontece que o decreto foi renovado várias vezes, prorrogando a suspensão das aulas presenciais em toda a rede de ensino até julho de 2021, devido a pandemia de COVID19.

No início do sistema remoto de ensino visando atender aos estudantes através de plataformas virtuais, atividades copiadas e enviadas para casa, WhatsApp, vídeos aulas. Devido à falta de acesso a equipamentos tecnológicos e internet de qualidade, o ensino remoto em nossa instituição sofreu com a precariedade vivenciada pela comunidade do campo, tornando-se em algumas situações inviáveis, fazendo com que os gestores se deslocassem até as residências dos estudantes para entregar livros e atividades escritas a fim de minimizar a falta de acesso ao ambiente escolar. Em 2021, houve o retorno das aulas presenciais a partir do 2º semestre letivo, em “Regime de Alternância”. As turmas foram divididas em dois grupos de alunos, onde

um grupo frequentava a escola, enquanto o outro ficava em casa. Na semana seguinte era alternado esses grupos. No ano seguinte 2022 as aulas do ano letivo iniciaram normalmente, com professores e estudantes utilizando máscaras.

Este foi um período da história do CEFTAM bastante sombrio, muitos perderam os parentes e o retorno às rotinas foi bastante traumático. Sendo assim, os conflitos relacionados às interações sociais aumentaram significativamente tornando o ensino ainda mais precário, pois além de aumentar o distanciamento e a discrepância nos níveis de ensino, é observado que com a pandemia a escola regrediu e os estudantes sofreram as consequências do atraso tecnológico na região.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do Campo perpassa por uma construção constante de valorização dos conhecimentos tradicionais, da realidade da comunidade escolar e da troca de

experiências, e por isso deve ser concebida pela pesquisa, escuta sensível e principalmente pelo diálogo com os sujeitos do campo, seus conhecimentos, seu território e sua cultura.

A construção do “Inventário” ao ser difundido como documento necessário para o desenvolvimento dos trabalhos nas escolas do campo pode ser considerada recente, pois no CEFTAM essa construção se deu início há poucos anos. É evidente que após o início da construção do “Inventário CEFTAM (2021)”, houve uma pausa nos estudos desenvolvidos sobre o território do CEF Tamanduá, devido a “pandemia do coronavírus” que nos obrigou a permanecer em casa trabalhando de forma remota.

Acreditamos que não basta apenas dizer que a escola é do campo! Sem ao menos haver um debate, se não for pensada coletivamente, como tal. A localização geográfica da escola não a faz ser uma escola do Campo. Pensando nisso, o que realmente faz do CEF Tamanduá ser uma escola do campo? Para além da localização, o que a faz ser uma escola do campo, são as pessoas que residem no território, são relações entre a comunidade e o meio ambiente, são as relações de natureza comunitária, onde o cuidado uns com os outros fica evidente no contato com os estudantes e suas famílias.

Inicialmente o território em que está localizada a escola foi dividido em sete territórios, segundo o que consta no atual "Inventário". Contudo, a partir dos estudos e pesquisas realizadas percebemos que cinco desses territórios: Bar do Gordo; Cerâmica; Santa Maria; Chácara Camargo; Sindjus e Suinocop, fazem parte de apenas um só o território: “Ponte Alta” que abriga todos os estudantes moradores da região mais próxima da escola. Os outros dois territórios: Condomínio Asa Branca e Residencial Nova Jerusalém, são os outros dois territórios que atualmente caracterizam a região também atendida pela escola. A partir dessa nova divisão temos uma visão mais clara e ampla sobre como está dividido o território do CEF Tamanduá e a partir de então aprofundar futuramente os estudos relacionados a eles.

Hoje entendemos que há a necessidade de reavaliar constantemente a identidade do nosso território e assim atualizar os dados que temos em relação a esse documento que norteia todo o trabalho desenvolvido dentro da Unidade Escolar. Na resolução da pesquisa realizamos uma apresentação direcionada aos professores do

CEFTAM que apresentaram seus pontos de vista que foi de bastante ajuda. Reconhecemos que o Inventário do CEFTAM precisa ser constantemente revisto e que é necessário que repensemos sobre a prática pedagógica, de forma que ela seja demonstrada mais efetivamente.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Instalação das Escolas no Distrito Federal - Década de 1960- Brasília DF. Cadernos RCC. v8. maio 2020. Disponível em: <[cadernos-rcc-20-151-230-fca14ce279bc6000456286096ef6adf1.pdf](https://museudaeducacao.com.br/cadernos-rcc-20-151-230-fca14ce279bc6000456286096ef6adf1.pdf) (museudaeducacao.com.br)>

CALDART, Roseli Salete, PEREIRA Isabel Brasil, FRIGOTTO Gaudencio e ALENTEJANO Paulo (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 36/2001 e Resolução CNE/CEB nº 1/2002; Parecer CNE/CEB nº 3/2008 e Resolução CNE/CEB nº 2/2008. Disponível em: <[Parecer CNE/CEB nº 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001 \(mec.gov.br\)](#)>

DPE - Diretrizes Pedagógicas da Educação do Campo para a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. (2019). Disponível em: <[Diretrizes-Ed-do-Campo-SEEDF.pdf \(educacao.df.gov.br\)](#)>

Inventário Histórico, Social, Cultural e Ambiental. Centro de Ensino Fundamental Tamanduá Gama -DF -2021. Disponível em: <[Inventário CEFTAM Nov_2022.pdf - Google Drive](#)>

Inventário da Realidade: Guia Metodológico para uso nas escolas do campo. Veranópolis/RS (IEJC), 16 a 18 de jun. 2016. Disponível em: <[CALDART R. S. et al. Inventario da Realidade guia metodologico \(2\).pdf | DocHub](#)>

JÚNIOR Astrogildo Fernandes da Silva. NETTO Mário Borges. Por Uma Educação do Campo: Percursos Históricos e Possibilidades. Entrelaçando -Revista Eletrônica de Culturas e Educação Caderno temático: Cultura e Educação do Campo N. 3 p. 45-60, (Nov/2011). Disponível em: <[POR UMA EDUCACAO DO CAMPO - Percursos Histricos e Possibilidades - Astrogildo F. Da Silva Jnior e Mrio Borgas | PDF \(scribd.com\)](#)>

KOLLING Edgar Jorge, CERIOLI, osfs Paulo Ricardo, CALDART Roseli Salete (org). Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: articulação nacional. Coleção: Por Uma Educação do Campo, 2002. Disponível em: <[Educacao do campo - identidade e politicas publicas - colecao por uma educacao do campo \(2\) - Documentos Google](#)>

KRIPKA Rosana Maria Luvezute,SCHELLER Morgana,BONOTTO Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. Revista de investigaciones - UNAD Volumen 14. Número 2. Julio-Diciembre 2015. Disponível em: <[12. Kripka, Scheller, Bonotto 2015 - Pesquisa documental na pesquisa qualitativa, conceitos e - Studocu](#)>

MARQUES Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação (2016). Disponível em: <[Educacao Em Foco n 28 v03.indd \(usp.br\)](#)>

MOURA Rejane de Souza, MARQUES Vinicius Batista Pinheiro. Cartografia das Escolas do Campo do Distrito Federal - 2022. Disponível em: <[Cartografia das Escolas do Campo do Distrito Federal.pdf - Google Drive](#)>

PDE - Plano Distrital de Educação (2015 a 2024). Lei no 5.499, de 14/7/2015 (DODF no 135, de 15/7/2015). Disponível em:

<<https://drive.google.com/file/d/1RS2rJNRTgah-ZpSrA5vipb0XzSw98Bik/view?usp=sharing> >

PPP CEF Tamanduá. Proposta Política Pedagógica do Centro de Ensino Fundamental Tamanduá 2022. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1z-znv3x_yyLG226jFdAdorWg9sJ1n5Ax/view?usp=sharing>

SA Laís Mourão. TERRA, TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE NO MODO DE VIDA E NA IDENTIDADE CULTURAL CAMPONESA. Universidade de Brasília. 2010. Disponível em:

<<https://dochub.com/nathanry20091gmail/B5LgrGvR0aMEzk5K9MYq6j/lais-terra-territ%C3%B3rio-e-territorialidade-1-pdf>

SCHNEIDER, Sergio. VELÁSQUEZ Lozano, Fábio. MEDINA, Juan Guillermo Ferro (Editores). (Org.) Território, Ruralidade e Desenvolvimento. Editorial Pontificia Universidade Javeriana, 2009. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/pgdr/wp-content/uploads/2021/12/726.pdf>>

SUZUKI Júlio César. ARAÚJO Gilvan C. C. de (organizadores). América Latina territórios, fronteiras e identidades. 2022. Disponível em: <[América Latina: Territórios, Fronteiras e Identidades | Portal de Livros Abertos da USP](#)>

ZIECH Márcia Eliana. Educação do campo e a construção da identidade territorial do aluno da escola do campo do Distrito de Cândido Freire – Giruá (RS). / Márcia Eliana Ziech. – Ijuí, 2017. Disponível em:

<https://docs.google.com/document/d/1YYgmMtx-raQmLlsXwvl0i82vnOP_8GIButuNLTJNwkg/edit?usp=sharing>

11. ANEXO A

Roteiro de Entrevista

1- Nome do entrevistado: _____

2- Nome do estudante matriculado no Centro de Ensino Fundamental Tamanduá, ano em que estuda atualmente.

Nome _____ ano _____

Nome _____ ano _____

Nome _____ ano _____

3- Qual o grau de parentesco com o aluno

pai/mãe tio/tia avô/avó padrasto/ madrasta outros

4- A que território pertence:

Asa Branca Acampamento Che Guevara (Nova Jerusalém);

Ponte Alta outro _____

5- Qual a renda familiar?

até 1 salário 1 a 2 salários 2 a 3 salários 4 salários ou mais

6- A renda familiar é adquirida por?

Trabalho no campo como autônomo Trabalho no campo como funcionário

Trabalho na cidade como autônomo Trabalho na cidade como funcionário

7- O tipo de trabalho realizado é?

Carteira assinada Carteira não assinada

8- A família é composta por quantos integrantes?

2 pessoas 3 pessoas 4 pessoas 5 ou mais pessoas

9- Qual o documento do local em que você vive?

Cessão de direito Cessão de Posse

Escriturada Sem documento

10- Qual sua relação com o local em que mora:

proprietário arrendatário

aluguel assentamento

acampamento propriedade cedida

caseiro outros _____

11- Qual sua profissão no atual momento?

12- Cite 3 problemas enfrentados pela comunidade?

1º _____ 2º _____ 3º _____

13- Você participa de algum movimento social:

Associações Cooperativas;

Condomínio outros: _____

14- Existe internet na moradia?

Sim Não

Qual tipo?

Banda larga discada fibra óptica Rádio Via satélite

15- Existe saneamento básico na moradia?

sim não

Qual tipo?

Distribuição de água potável Coleta e tratamento de esgoto Coleta de resíduos sólidos

16- Qual é a origem da água da comunidade?

Cisterna Poço artesiano caesb Caminhão pipa

17- Existe algum tipo de tratamento dessa água?

Sim Não qual? _____

18- Como é realizado o descarte de lixo?

Queimado Enterrado Coletado por caminhão

19- Como é o fornecimento de energia?

CEB Solar Gás outros _____

20- Quais as relações que a família mantém com a agricultura?

Cultivo de horta Familiar Horta para comercialização

Agronegócio Não faz nenhum tipo de produção

21- Quais as relações que a família mantém com criação de animais?

Criação gado Suínos Galinhas peixe Cavalo Outros
